

A profª dra. Heda Maciel Caminha em seu curso de pós-doutorado, na Universidade de Marselha, elaborou o manual para professores e estudantes de LETRAS, fruto de reflexão, de meditação e experiência de outros colegas sob o título

**ESTUDANTE DE LETRAS,
EU?**

Reserve desde já o seu exemplar enviando cheque bancário de NCz\$ 5,00 (cinco cruzados novos) em nome da Livraria Editora Acadêmica PUC, prédio 9, Caixa Postal 1429, 90620, Porto Alegre.

**MACHADO DE ASSIS NO PRESENTE MOMENTO:
1975 A 1988**

Alberto Bagby Júnior
University of Texas – El Paso

O propósito fundamental deste artigo é o de informar os críticos e os leitores brasileiros em geral sobre a divulgação de Machado de Assis nos Estados Unidos da América do Norte durante os últimos quinze anos, aproximadamente.

Pretendemos que este estudo seja, parcialmente, uma bibliografia crítica seleta, que toma como ponto de partida a nossa bibliografia sobre o autor, em inglês, que saiu à luz em 1975:¹ *Dezoito anos de Machado de Assis: Uma bibliografia crítica anotada para 1956-1974*. A nossa bibliografia, que constituiu a primeira sobre Machado de Assis em inglês e publicada nos Estados Unidos, escolheu como ponto de partida o ano de 1956. Isto porque evidentemente, J. Galante de Souza já havia chegado até 1955 na sua monumental obra crítica.² A bibliografia em inglês foi bem recebida mas não foi continuada, em parte porque nos ocupamos de outros projetos, mas, também, porque o autor de *Quincas Borba* começou a receber menos atenção aqui desde 1975. Acreditamos que este fenômeno se deve em parte a um maior interesse nas universidades norte-americanas em estudar e divulgar aqui nossos grandes prosistas mais recentes. Tal interesse se nota principalmente em discursos e papéis acadêmicos apresentados em muitas conferências literárias e lingüísticas através do país. Os autores brasileiros que agora parecem compartilhar as honras com Machado de Assis são, Jorge Amado, Clarice Lispector e João Guimarães Rosa. Não se trata de uma "decadência" de nosso grande novelista, mais do que nada é uma diversificação do interesse que se tem manifes-

tado na língua e nas literaturas luso-brasileiras. Nos últimos três anos se observa nitidamente muito mais apresentações sobre temas, tópicos e autores luso-brasileiros nas conferências e convenções lingüísticas e literárias por todo este país. Mas Machado de Assis continua a ser repetido e re-interpretado e como categórico exemplo disto, a respeitada revista literária DISCURSO LITERÁRIO (que publica em português, espanhol e inglês) está dedicando um número especial a pesquisas e estudos sobre Machado de Assis.³ Uma interessante polêmica que ajuda a manter em dia nossa apreciação de Machado de Assis nos Estados Unidos e inclusive ainda pelo mundo afora é, qual foi mesmo, entre as três grandes novelas, a verdadeira obra-prima: *As memórias póstumas, Quincas Borba* ou *Dom Casmurro*?! A dedicada crítica Helen Caldwell⁴ sempre defendeu para *Dom Casmurro* o direito de ocupar o primeiro lugar, mesmo quando a crítica e o leitor brasileiro pareciam preferir os outros dois mencionados como mais representativos e de maior mérito. Nos últimos anos, nos Estados Unidos, *Quincas Borba* e as *Memórias póstumas* têm merecido mais atenção do que *Dom Casmurro*. Os ventos mudam e logo daremos algum exemplo daquilo que asseveramos ser verdade aqui. Ora, acreditamos também, que sem querer, o catedrático norteamericano William L. Grossman "desinteressou" um pouco o público leitor deste país a respeito dos romances *Quincas Borba* e *Memórias póstumas*. Em sua breve introdução à tradução das *Memórias póstumas* (vertida com o original título de *Epitaph of a Small Winner*), advertiu seus leitores de que Machado de Assis era o autor mais desiludido entre todas as literaturas ocidentais.⁵ Acreditamos que este comentário prejudicou por algum tempo a apreciação em este país dos dois romances já referidos. Em várias ocasiões tivemos a oportunidade de observar alunos e estudiosos refutar este exagerado comentário. Mesmo assim, Grossman foi bem intencionado e proporcionou para o público de fala inglesa, uma dificilmente superável versão das *Memórias póstumas*. Fato que projetamos em nossa *Bibliografia Crítica*.

Antes de proceder adiante — com nossa prometida bibliografia crítica informal, relativa a Machado de Assis na América até 1988, precisamos fazer certas observações que futuramente esperamos ampliar em forma de artigo. Referimo-nos, outra vez, ao

William Grossman, com outro de seus comentários que confunde e frustra os leitores dos dois romances em que aparece o personagem Rubião. Repetimos, entretanto, que mesmo sendo breves, estes comentários precisam sair à luz, mesmo quando se referem a critérios de um especialista assisiano que louvamos e respeitamos. William Grossman calcula que Machado de Assis tinha tão pouca fé na nobreza e bondade da natureza humana, que por isto somente deixou ao público um personagem que era realmente bom — mas bom mesmo: justamente o Rubião. E, que este pobre para sê-lo, realmente enlouqueceu!⁶ Nós tanto tínhamos desejado escrever aquele importante artigo que outro autor escreveu antes de nós, "A coroa de Rubião"⁷ mas não tem importância: o importante é que foi escrito e é lido nos Estados Unidos da América do Norte. O próprio autor — Machado de Assis — suficientemente valorizou a grandeza de Rubião, cuja possível loucura e morte inevitavelmente não ofuscaram a mensagem "viva" que Rubião deixou a um mundo todo envolto em si mesmo: seu profundo e nobre humanismo e/ou humanitarismo. Isto sim aquele "louco" (?) legou, desinteressadamente ao mundo semi-cego que o rodeava. E, nós não podemos resistir a esse comentário final a respeito: ao contrário do que percebe William Grossman, existem outros personagens (femininos ou masculinos) nos romances de Machado de Assis: tão bons como é possível ser esta controvertida natureza humana. Mesmo assim, se aquele nobre e idealista Rubião em verdade enlouqueceu completamente, acreditamos que devia tê-lo feito por contemplar e cobiçar (com tênues esperanças) a Sofia, a verdadeira dona dos olhos de ressaca — ao nosso ver!

Passamos agora, como prometíamos, à bibliografia recente de estudos sobre Machado de Assis. Quase todos os estudos ou obras que discutiremos — como já foi referido — em inglês ou nos Estados Unidos.

Traduções. No caso destas, não se trata de "seletas", mas todas as que chegaram à nossa atenção publicadas nos Estados Unidos desde 1974 até o presente momento, em 1988. Também, não poderia haver muito mais para traduzir ao inglês, pois a poesia, o teatro e as crônicas de Machado de Assis são de interesse secundário, é o que acreditamos, para os leitores de todos os países. Além disto, dentro do gênero dos contos, histórias e romances já foi qua-

se tudo traduzido ao inglês. Além dos dois romances que mencionamos à continuação, todos os romances ou novelas de Machado de Assis já foram traduzidos ao inglês com exceção da primeira, *Ressurreição*.⁸ Até o presente não temos nenhuma notícia que este romance esteja sendo traduzido. Temos certeza, porém, que não demorará em sê-lo! Não que se refere aos contos e histórias do Assis, já houve traduções dos mais lidos e divulgados deste gênero, para o qual também se pode consultar nossa bibliografia em inglês. O *alienista* foi traduzido há muitos anos atrás por Grossman e Caldwell.⁹ Eis, então, as traduções que apareceram nos últimos quinze anos:

YAYÁ GARCIA, (escrito exatamente como aí observam) por R. L. Scott-Bucleuch. Tradução com um prólogo de três páginas, assinado pelo tradutor em novembro de 1975. A tradução, que foi publicada como "uma obra clássica" por uma empresa comercial, foi razoavelmente bem recebida, apesar de ter recebido certas resenhas um tanto críticas. Foi publicada na Inglaterra e os ingleses tendem a ser severos. Nós achamos boa a versão de Beucleuch.¹⁰

IAIÁ GARCIA, tradução nossa (Alberto Bagby Júnior) aparece poucos meses depois, em 1977, publicado por uma editora universitária nos USA. Contém uma introdução crítica de quatorze páginas que examina a vida do autor brevemente e apresenta uma aproximação análfica. Esta versão — ficamos bem gratificados — é bem recebida pela crítica nos Estados Unidos.¹¹

HELENA, tradução de Helen Caldwell, em 1984 com uma introdução crítica de aproximadamente 5 páginas, onde analisa com olhos incisivos a novela como já o havia feito em sua obra crítica de 1970. Nem sempre fiel ao texto, no sentido de palavra-por-palavra, a Helen Caldwell possui uma impressionante fluidez na sua narrativa em língua inglesa, e acreditamos que através de suas várias traduções de Assis para o inglês, ela faz ver muito bem o nosso autor na língua "Shakespereana"!

THE DEVIL'S CHURCH AND OTHER STORIES, tradução feita por Jack Schmitt e Lorie Ishimatsu. Os autores desta seleção de contos e histórias assisianas, escolhem A igreja do Diabo como título para a seleção que traduzem; um título, aliás, que bem poderia cativar a atenção do leitor. A seguir, proporcionam uma con-

sistente e meritória tradução de outros dezoito contos e histórias. A breve introdução de umas cinco páginas, examina a fórmula do realismo de Machado de Assis, considerando-o bem melhor *raconteur* que alguns dos autores modernos. A brevidade da introdução nada retira de sua alta qualidade e dos comentários bem escolhidos por Schmitt para valorizar o autor, em tão pouco espaço. O fato de haver procura para os contos de Machado de Assis indica a duração de sua fama. Este livro deveria estar em todas as bibliotecas.¹³

LIVROS OU ANTOLOGIAS CRÍTICAS

Devido à sua transcendência, mereceu nossa lista um estudo crítico publicado no Brasil em fins de 1974. Outra justificativa para incluí-lo nesta lista é que está bem divulgado e disponível nos USA.

O mundo social de Quincas Borba, por Flávio Loureiro Chaves, inclusive, ganhou importante prêmio literário no Rio Grande do Sul.¹⁴ Constitui este penetrante estudo mais outro reconhecimento do valor social e literário do sexto romance de Machado de Assis. O autor cita vários críticos, refutando idéias equivocadas e reconfirmando outras já antes bem focalizadas.¹⁵

The city in brazilian literature, por Elizabeth Lowe. Obra na qual a autora proporciona uma visão panorâmica de cidades brasileiras que servem de cenário constante para diversos autores. Machado de Assis, que residiu quase exclusivamente no Rio nos contos e romances, ocupa bom número de páginas da autora que mostra a documentação que o autor nos dá do Rio de Janeiro de cem anos atrás. O livro merece e tem recebido boa circulação. A autora nota a importância dos centros urbanos na literatura brasileira e ressalta tais coisas como a tradição urbana na literatura, as cidades como convívio social e as cidades "celestiais" e as "mundanas."¹⁶

The craft of an absolute winner, por Maria Luisa Nunes, uma dedicada crítica que nos últimos anos tem sido figura importante em manter acesa a chama de Machado de Assis. Como indica o tí-

tulo, seu estudo constitui uma análise de técnica narrativa do autor. Examina neste valioso e bem-organizado estudo, as quatro novelas daquela suposta primeira fase como um laboratório literário em que Machado de Assis formulou e aperfeiçoou sua técnica novelística. Também demonstra grande percepção ao reconhecer porque Assis deplorou o realismo naturalista. Que saborosa ironia — para usar a palavra daquele conhecido artigo do William Grossmann — que este livro termina citando a importância do Rubião de **Quincas Borba**. Louvamos a capacidade de Luisa Nunes de reconhecer os aspectos otimistas dos personagens de Machado de Assis.¹⁷

Casa velha, de Machado de Assis. Edição de Lúcia Miguel Pereira. Única excessão que insistimos em fazer, colocando uma obra anterior a 1974 dentro desta bibliografia crítica informal. Incluímo-la, evidentemente, pela sua importância de transcendência. A extensa introdução crítica se justifica por si mesma. Lúcia Miguel Pereira apresenta de maneira convincente que devemos classificar *Casa velha* como um autêntico romance. Esperamos e acreditamos que como resultado principalmente desta edição crítica "a décima novela" de Machado de Assis será devidamente reconhecida pelo que é nos USA e logo merecerá tradução ao inglês. Nós pretendemos usar este texto numa leitura que faremos do romance numa futura aula de literatura brasileira.

ARTIGOS E ENSAIOS

Citaremos alguns artigos que consideramos mais representativos e controvertidos ao alcance do leitor norteamericano.

"Machado de Assis's theory of the novel", por Maria Luisa Nunes. Artigo que apresenta algumas dimensões novas para o entendimento da técnica narrativa do autor e atrai tanto o leitor leigo como o letrado à leitura de Assis em português ou em inglês.¹⁸

"Story tellers and character: point of view in Machado de Assis's last five novels", por Maria Luisa Nunes. Mostra em forma reduzida aquilo que o seu livro já mencionado fez muito mais amplamente. Machado de Assis é visto com grande valor literário mesmo quando examinado pela crítica moderna.¹⁹

"El realismo de las novelas románticas de Machado de Assis", por nós. Estudo onde projetamos que cremos observar mais elementos de Realismo do que Romantismo literário. Acreditamos que uma análise cuidadosa nos levaria à conclusão de que somente um dos primeiros quatro romances é mais romântico do que realista: **Helena**. E, que os elementos românticos que entrevemos em muitos lugares constituem realmente uma sátira do Romantismo.²⁰

"Machado de Assis and foreign languages", também ensaio nosso onde procuramos resolver a polêmica sobre quantas línguas estrangeiras Machado de Assis falava ou conhecia bem. Achando ter examinado todos os critérios disponíveis, chegamos à conclusão que podia o autor ter sido quase bilingüe em português e francês, mas que seu conhecimento de outras línguas era bem mais limitado do que muitos pensavam.²¹

"Machado de Assis and his lira chinesa" por Edgar C. Knowlton, Jr. Merece ser mencionado pela originalidade do tópico e a limitada informação que temos sobre o assunto. O crítico valoriza o autor como poeta — gênero em que Assis é cada vez mais reconhecido hoje. O artigo examina as traduções de vários poemas chineses que Assis verteu ao português com a ajuda de uma senhora francesa, Judith Gautier, que aparentemente sabia muito bem o chinês. Diz o crítico que as traduções demonstram a sensibilidade e sabedoria poética de Assis. O minucioso estudo contém uma bibliografia seleta que Knowlton transpôs ao inglês, baseando-se na bem conhecida bibliografia de 1955 de J. Galante de Sousa.²²

"A clarification of some strange chapters in Machado's *Dom Casmurro*" por Doris J. Turner. Artigo que incluímos porque como a maioria dos que aqui mencionamos, está em inglês, publicado aqui e à disposição dos americanos. A tese fundamental de Turner é que ao leitor descuidado poderia parecer que há vários capítulos no romance que nada têm de ver com o enredo principal. Mas, diz a autora, o cuidadoso e perspicaz leitor verá que na realidade estão muito bem vinculados com os outros capítulos. Observe-se principalmente estes capítulos relativo à teoria da crítica Turner: capítulo IX, A ópera, LV, Um soneto, CIV, As pirâmides, etc.²³

"Time and narrative structure in memórias póstumas de Brás Cubas" por Christopher Eustis. Discute o autor o conceito e decorrer do tempo em Machado de Assis principalmente dentro da estruturação da novela acima mencionada.²⁴

"Aires as narrator and Aires as character in *Esaú e Jacó*" por Marta Peixoto. A articulista examina o papel duplo do conselheiro Aires neste romance de um ponto de vista estilístico e moderno.²⁵

"Machado de Assis in 1878" por Murray G. McNicoll. Este ensaio se dedica a martelar o bem sabido e reconhecido fato de que Machado de Assis experimentou angústias e transformações num período de quase três anos (1878-1880) que fizeram dele o autor universalmente famoso que chegou a ser desde a publicação do quinto romance, as *Memórias póstumas*. Incluímos a menção do artigo porque continua a projetar aos olhos do leitor norte-americano o principal autor. A informação deve valer alguma coisa para leitores estrangeiros, mesmo se nos informa de muitas idéias já conhecidas.²⁶

"O lustre do meu nome: uma leitura de *A mão e a luva*" por Penny Newman. Valorizamos este artigo porque constitui um estudo daquele romance que quase toda a crítica considera o mais fraco de Machado de Assis. Evidentemente, nós também. Interessamo-nos por duas coisas a respeito do artigo: a autora nos faz lembrar que foi o próprio Machado de Assis que dividiu sua produção literária em duas fases — o que não quer dizer que o autor tinha razão, de acordo com o nosso critério. Mas a idéia fundamental proporcionada pelo artigo é que mesmo uma mulher agressiva e decisiva, ora, também ambiciosa como Guiomar, somente podia contemplar o sucesso na base do sucesso e das ambições de seu marido. As ambições da mulher brasileira daquela época, de acordo com a articulista, não a transportavam a lugar nenhum.²⁷

"Two failed fortune-tellers: Machado de Assis's *Cartomante* and João Guimarães Rosas's *Mme. Syats*" por Mary L. Daniel. Artigo de interesse passageiro e que vale mais pelo que traça entre os dois autores brasileiros: fenômeno sempre importante quando lembramos a constante valorização de autores brasileiros perante o público dos Estados Unidos.²⁸

"Dom Casmurro and Lolita: Machado among the metafictionists" por Anne-Marie Gill. Entre as idéias mais salientes projetadas neste artigo, sobressai o seguinte: a autora valoriza Machado de Assis como um prosista de interpretação vária: romântico, realista, modernista e até, agora, pós-modernista. Procura fazer ver que tanto na ficção de Assis como na *Lolita* de Nabokov, a moda/tono/espírito é realista enquanto que a temática é romântica. Que julguem os expertos e os leitores! Sugere ainda que aquilo que os autores das obras mencionadas procuram evoluir depende inteiramente da capacidade imaginativa e intelectual do leitor — para compreendê-lo.²⁹

Como percebem os leitores, foi o nosso propósito dentro deste estudo, informar o Brasil sobre o que se tem publicado nos Estados Unidos da América sobre Machado de Assis desde que foi publicada aqui em 1975 a nossa minuciosa bibliografia sobre o grande autor brasileiro.³⁰ Sem nenhuma pretensão de ter sido completo, nesta bibliografia informal, acreditamos que conseguimos proporcionar quase tudo que seja de valor sobre Machado de Assis, neste país desde 1975 até o presente momento. Almejamos proporcionar no futuro informações ainda mais específicas.

NOTAS

- 1 — O título em inglês deste manuscrito de 170 páginas é *Eighteen Years of Machado de Assis: A Critical Annotated Bibliography for 1956-1974*. *Hispania*, 58 (Oct. 1975) p.648-83.
- 2 — GALANTE DE SOUSA, J. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Livro, 1955.
- 3 — O número especial da Revista, dedicado à ensaios sobre Machado de Assis, pelo que nos consta, será publicado em 1989, e incluirá uma contribuição nossa com o título de "Estela: a personagem principal em *Iaiá Garcia*". Oklahoma State University.
- 4 — A catedrática defende sua preferência por *Dom Casmurro* em suas seguintes duas obras críticas: *The Brazilian Othello of Machado de Assis*. California U. P. Berkeley and Los Angeles, 1960, e em *Machado de Assis: The Brazilian Master and His Novels*. (Esta última, obra em que examina todas as novelas do autor brasileiro.) California U. P. Berkeley, Los Angeles, London, 1970. Consulte-se o cap. 14.
- 5 — GROSSMAN, William L. *Epitaph of a Small Winner* (trad. de *Memórias póstumas...*) New York, Noonday P., 1952, Intro. p.11-14.
- 6 — Id. ib. p.11-14.

- 7 - CÂMARA, J. Mattoso. "A coroa de Rubião". *Revista do Livro*. Nº 2, dezembro de 1957, p.105-109.
- 8 - Consultem a nossa já documentada Bibliografia em Hispania para detalhes completos sobre os tradutores das oito novelas (e alguns contos) ao inglês. Alguns estão mencionados neste mesmo estudo, mais adiante, além de outros. A Bibliografia também está na Biblioteca da PUCRS.
- 9 - GROSSMAN, William L. e CALDWELL, Helen. *The Psychiatrist and Other Stories*. Los Angeles, California U. P. Berkeley, 1963.
- 10 - SCOTT-BUCCLEUCH, R. L. *Yayá Garcia*. London, Owen P, 1976.
- 11 - BAGBY JÚNIOR, Alberto I. *Iaiá Garcia*. Lexington, Kentucky U.P. 1977.
- 12 - CALDWELL, Helen. *Helena* (trad.) London, California U.P. Berkeley, Los Angeles, 1984.
- 13 - SCHMITT, Jack e ISHIMATSU, Lorie. *The Devil's Church and Other Stories*. London, Texas U.P. 1977.
- 14 - CHAVES, Flávio Loureiro. *O mundo social do Quincas Borba*. Porto Alegre, Ed. Movimento, 1974.
- 15 - Id. ib. Ver especialmente as conclusões deste crítico.
- 16 - LOW, Elizabeth. *The City in Brazilian Literature*. London, Toronto, Associated U. Presses, Inc. (Farleigh Dickinson U.P.), 1982.
- 17 - NUNES, Maria Luisa. *The Craft of an Absolute Winner: Characterization and Narratology in the Novels of Machado de Assis*. London, Greenwood P. Westport, Conn., 1983.
- 18 - MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria; MIGUEL PEREIRA, Lúcia (ed.) *Casa Velha*. São Paulo. Instituto Nacional do Livro. Liv. Martins Ed. S.A. 1972.
- 19 - NUNES, Maria Luisa. "Machado de Assis's Theory of the Novel". *Latin American Literary Review*. Nº 7. Vol. IV. Fall/Winter 1975.
- 20 - NUNES, Maria Luisa. "Story Tellers and Character: Point of View in Machado de Assis's Last Five Novels". *Latin American Literary Review*. Nº 12. Vol. VI. Spring/Summer 1978.
- 21 - BAGBY JÚNIOR, Alberto. "El realismo de las novelas románticas de Machado de Assis". *Horizontes*. Año XXIX. Nº 58. Puerto Rico, Abril, 1986. Repetimos que este volume só apareceu em 1987. p.65-69.
- 22 - BAGBY JÚNIOR, Alberto. "Machado de Assis and Foreign Languages". *Luso-Brazilian Review*. Vol. 12, Nº 2. Wisconsin U.P. Winter 1975. p.225-33.
- 23 - KNOWLTON JR., Edgar C. "Machado de Assis and his Lira Chinesa". *Boletim do Instituto Luís de Camões*. Vol. X, Nºs 3 e 4. Macau, 1976. p.5-28.
- 24 - TURNER, Doris J. "A Clarification of Some Strange Chapters in Machado's Dom Casmurro". *Luso-Brazilian Review*. Vol. 13. Nº 1. Wisconsin U.P. Summer 1976. p.55-66.
- 25 - EUSTIS, Christopher. "Time and Narrative Structure in Memórias póstumas de Brás Cubas". *Luso-Brazilian Review*. Vol. 16. Nº 1. Wisconsin U.P. Summer 1979. p.18-29.
- 26 - PEIXOTO, Marta. "Aires as Narrator and Aires as Character in Esaú e Jacó". *Luso-Brazilian Review*. Vol. 17, Nº 1. Wisconsin U.P. Summer 1980. p.79-92.
- 27 - MC NICOLL, Murray. "Machado de Assis in 1878". *Luso-Brazilian Review*. Vol. 19. Nº 1. Wisconsin U.P. Summer 1982. p.31-38.
- 28 - NEWMAN, Penny. "O lustre do meu nome: uma leitura de A mão e a luva". *Luso-Brazilian Review*. Vol. 20, Nº 2. Wisconsin U.P. Winter 1983. p.232-240.

- 29 - DANIEL, Mary L. "Two Failed Fortune-Tellers: Machado de Assis's *Cartomante* and João Guimarães Rosa's *Mme. de Syais*". Vol. 23. Nº 2. Winter 1986. p.47-60.
- 30 - GILL, Anne-Marie. "Dom Casmurro and Lolita: Machado Among the Metafictionists". *Luso-Brazilian Review*. Vol. 24. Nº 1. Wisconsin U.P. Summer 1987. p.17-26.
- 31 - O leitor terá observado o grande número de ensaios que apareceram na *Luso-Brazilian Review*, e a razão é simples: esta constitui até o momento a revista profissional mais importante dos Estados Unidos da América do Norte para a publicação de artigos sobre literatura, etc. luso-brasileira. Além disto, a "respeitada" PMLA quase nunca publica nada sobre as nossas literaturas e também não chegaram à nossa atenção artigos recentes em Hispania.